

---

**Autonomia e vulnerabilidade de jovens no acesso à pornografia em ambientes digitais: um debate necessário no campo da sexualidade**

*Autonomy and vulnerabilities of youth in the access to pornography in digital environments: a necessary debate in the field of sexuality*

Márcia Stengel  
**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**  
Belo Horizonte-Brasil  
Simone Ouvinha Peres  
**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
Rio de Janeiro-Brasil  
Pablo López Gómez  
**Universidad de la República**  
Montevidéo-Uruguai

**Resumo**

No cenário de crescente acesso à internet, que envolve a disseminação de conteúdos sexuais como a pornografia, chama atenção a necessidade de se produzirem dados sobre sexualidade dos jovens. Discutem-se as tecnologias de informação e as mudanças nos processos de socialização. Levanta-se a necessidade de abrir uma agenda de estudos que articulem sexualidade, juventude e ambientes digitais. Merece atenção, na análise do consumo da pornografia, os componentes do pânico moral adulto, das instituições e da mídia, convergindo para os efeitos prejudiciais e nocivos da pornografia, num quadro de banalização da sexualidade dos jovens. Em contraponto, é preciso focar no debate sobre as vulnerabilidades, as violências e a segurança dos jovens nos ambientes digitais, durante a emergência do período autônomo da sexualidade juvenil.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Ambientes digitais; Pornografia.

**Abstract**

In the scenario of growing access to the internet, which involves the dissemination of sexual content such as pornography, the need to produce data on young people's sexuality draws attention. Information technologies are discussed together with changes in the processes of socialization. The need to open an agenda of studies that articulate sexuality, youth, and digital environments is raised. It deserves attention in the analysis of pornography consumption the components of adult moral panic, institutions and media, converging to the harmful and noxious effects of pornography, in a framework of trivialization of young people's sexuality. In counterpoint, it is necessary to focus on the debate about vulnerabilities, violence, and safety of young in digital environments during the emergence of the autonomous period of youth sexuality.

**Keywords:** Sexuality; Digital environments; Pornography.

### **Acesso e consumo da pornografia nos ambientes digitais**

No cenário de crescente e facilitação de acesso à internet, que envolve a disseminação cada vez maior de conteúdos sexuais, como a pornografia, chama atenção a necessidade imperiosa de produzir dados fundamentados sobre sexualidade, os comportamentos e as práticas afetivas e sexuais dos jovens. Devido à rápida difusão do uso das redes sociais e do acesso a material multimídia relacionado com a sexualidade, o conhecimento sobre juventude e a sexualidade na academia tornou-se largamente obsoleto. Isso representa uma dificuldade não apenas para os contextos educativos, mas também para a comunicação familiar. É necessário gerar conhecimentos científicos sobre o papel dos ambientes digitais na socialização sexual dos jovens, porque o estado atual do campo não permite uma boa comunicação intergeracional nem nos permite pensar em políticas que reduzam as potenciais vulnerabilidades dos jovens nas redes.

Trabalhos realizados em diferentes países observaram um impacto nas formas como os jovens começam a se conectar com a sexualidade, ocasionado pelas oportunidades oferecidas pelos ambientes digitais, o que vem produzindo um alargamento da possibilidade dos jovens em termos de experiências e práticas sexuais e afetivas. Devido a essas mudanças e à rápida difusão das redes sociais, atualmente, os modos de os jovens vivenciarem e experimentarem a sexualidade, especialmente na etapa da iniciação afetivo-sexual, vem impactando a construção da subjetividade, ordens morais e de gênero e orientações sexuais (RAMOS, 2022), embora ainda pouco saibamos sobre isso.

Existe uma lacuna específica dos estudos que articulem sexualidade e as redes sociais e, em particular, sobre o acesso à pornografia na internet por jovens. Essa lacuna precisa ser superada, principalmente porque os elos entre a sexualidade e os ambientes virtuais envolvem novo *ethos*, novas condições de existência que marcam o atual estágio de nosso cotidiano. Os jovens são atualmente os maiores usuários das redes sociais, que servem, em grande medida, para a exposição e espetacularização da vida privada, e a partilha e publicitação de postagens sobre o cotidiano dos relacionamentos (AMARAL, 2015).

Em razão das experiências inéditas que a Era Tecnológica produz no âmbito da sexualidade e das relações humanas, de modo geral, e, em particular, das novas gerações, fazem-se necessárias pesquisas a respeito das tecnologias digitais, no intuito de compreender as circunstâncias das possíveis interações nas quais se podem assumir comportamentos de

risco e violentos (FLACH; DESLANDES, 2017, 2019). O estudo da sexualidade de jovens nas redes sociais, bem como a educação sexual abrangente tornaram-se uma questão prioritária na agenda de gênero e direitos sexuais, devido a seu valor como um direito humano em si e sua importância como direito humano.

A literatura internacional tem mostrado que as práticas sexuais mediadas digitalmente estão progressivamente se tornando uma prática social entre os jovens, fazendo parte dos “rituais de conquista” de um(a) parceiro(a) (LÓPEZ, 2021). Essas modalidades de aproximação e relacionamento entre os jovens podem abranger numerosas práticas, como o compartilhamento de material audiovisual para fins de excitação, conversas digitadas ou erotizadas de vídeo, masturbação compartilhada por meio de chamadas de vídeos, o *sexting* (compartilhamento de fotos ou mensagens com cunho sexual, por plataformas privadas de mensagens ou aplicativos de mensagens), além de busca de informações e vídeos com conteúdo sexual e pornográfico, entre outras (RAMOS, 2022).

Pesquisas sobre o ciberespaço vem exigindo e possibilitando redefinir o que se entende por socialização, interação, identidade e mudanças na subjetividade. Atualmente, as produções acadêmicas estão concentradas em quatro blocos principais em relação ao estudo do uso das redes sociais por jovens, convergindo-se no cibersexo, *sexting*, *grooming* (ação intencional de um adulto de contatar um menor, por qualquer meio tecnológico, com o objetivo de ameaçar e atacar sua integridade sexual) e *ciberbullying* (VELÁZQUEZ, LÓPEZ; ARELLANO, 2013 *apud* LÓPEZ, 2021).

Nesse sentido, é um desafio para a literatura acadêmica lidar com as mudanças em curso, com esse tipo de fenômeno da sexualidade nas redes sociais, porque as mudanças ocorrem rapidamente, o que requer produção, revisão e problematização constantes. Os estudos das possibilidades de sociabilidade, de socialização, do envolvimento e participação dos jovens nas redes sociais, da aquisição de conhecimentos e das novas modalidades de relacionamentos afetivos e sexuais, e de vínculos com outras pessoas e culturas “moldam formas específicas de socialização e existência”, configurando-se uma nova subjetividade. Nessa direção, Bañuls e Zufiaurre (2009 *apud* LÓPEZ, 2021) evidenciam a importância de considerar o modo como as tecnologias podem ser consideradas não como uma agência em si mesmas, mas uma agência criada na relação humano-tecnologia e na forma como o utilizador se apropria dela, envolvendo, em particular, os processos de socialização.

## *Autonomia e vulnerabilidades de jovens no acesso à pornografia em ambientes digitais: um debate necessário no campo da sexualidade*

Este artigo pretende discutir como as tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm alterado os processos de socialização de jovens, enfocando suas práticas afetivas e sexuais, especialmente a pornografia. Com base nisso, intenciona levantar a necessidade de abrir uma agenda de estudos e pesquisas que articulem sexualidade, juventude e ambientes digitais.

### **Da socialização à individualização: para pensar a sexualidade na adolescência que inclua os ambientes digitais**

Por muito tempo, a Psicologia e a Sociologia têm progressivamente se questionado acerca dos processos de socialização primário e secundário, subjetivação, individuação ou individualização (BERGER; LUCKMANN, 2013; DURKHEIM, 1995; ELIAS, 1995; MEAD, 2000). A literatura mais contemporânea sobre as mudanças relacionadas aos processos de socialização entende, de modo geral, que a socialização deve ser concebida não mais como elemento integrador, mas sim como um elemento distintivo dos indivíduos (ELIAS, 1995; KAUFMANN, 2003; LAHIRE, 2003, 2004, 2005, 2006; SINGLY, 2000). Esse ponto de vista afeta a questão deste trabalho sobre sexualidade na juventude como sendo a gradativa incorporação de valores, normas de conduta moral com relação aos outros e a si diante dos desafios contemporâneos para pensar a articulação entre ambientes virtuais e a sexualidade na juventude.

Ao propor pensar as questões da sexualidade vinculadas às da iniciação sexual-afetiva, por meio da ideia do aprendizado da sexualidade (BOZON, 2004), estamos buscando demonstrar o quão importante pode ser o conceito de socialização para refletir sobre a sexualidade e os afetos dos jovens, hoje, nos ambientes digitais, bem como para a construção de novos campos de análise (GRIGOROWITSCHS, 2008).

Assim, de modo amplo, consideramos que os processos de socialização

Envolvem um ser humano individual (todo um espectro de experiências, posicionamentos, saberes, estruturas emocionais, capacidades cognitivas); suas interações, comunicações e atividades no meio social em que vive (relações familiares, escolares, interações com outras crianças, meios de comunicação de massa, religião etc.); bem como as distinções sociais que podem se manifestar em todas essas relações (sua pertença racial, de gênero, de estratificação social etc.). Essas dimensões devem ser tratadas, em seu conjunto ou em suas particularidades, segundo uma perspectiva sociológica, de acordo com um modelo “reflexivo” de socialização (Hurrelmann, 1991), que permite analisar como os indivíduos

desenvolvem necessidades, capacidades, competências do agir, interesses e qualidades pessoais em tensão com as regras, expectativas e costumes sociais. Nesses processos estão em jogo aspectos multidimensionais objetivos e subjetivos, isto é, os processos do desenvolvimento da identidade e as comunicações e interações com o outro (GRIGOROWITSCHS, 2008, p. 37).

Pode-se considerar que, nos estudos mais clássicos, a socialização integra o indivíduo na sociedade. Na atualidade, a socialização é tida como um processo que constrói identidades personalizadas, partindo do pressuposto de que nenhum indivíduo passa pelo mesmo processo de socialização, sendo todos eles diferenciados (LAHIRE, 2006).

A questão fundamental da proposição da socialização é a de possibilitar entender a juventude de modo plural. Na juventude, os indivíduos estão ansiosos por serem populares, aceitos, sobretudo, o que aumenta a exposição pública e os coloca numa situação especial de vulnerabilidade. As redes sociais virtuais não apenas desafiam os limites de tempo e espaço, mas também da moralidade moderna e os processos de socialização.

As complexas discussões sobre socialização questionam o papel das redes sociais e das transformações em curso, bem como a universalização de tais processos e o quanto estaria havendo mudanças nos processos de socialização, tendo em vista o peso que, na atualidade, outras instituições socializadoras adquirem ao longo da juventude. Esse é um ponto importante com base em abordagens como a de Berger e Luckmann (2013), visto que autores, atualmente, buscam essa articulação dos processos de socialização, o que tornaria possível a investigação das TIC nos processos de socialização e interação social, principalmente quando referidos aos processos intimamente relacionados com a sexualidade.

Essa abordagem de Berger e Luckmann (2013) apreende a sociedade como uma realidade, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva, entendida como um processo dialético de exteriorização, objetivação e interiorização. Para os autores, a sociedade seria uma produção humana, que é, simultaneamente, objetiva e subjetiva. Nessa perspectiva, a sociedade é vista como uma realidade subjetiva, e a socialização considerada o processo pelo qual ocorre a interiorização da realidade. Há dois processos de socialização: primário e secundário. O primário é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, ao tornar-se membro da sociedade, tomando posse do que é denominado um “eu” e um “mundo” objetivo integrado a dada realidade. A socialização primária envolveria a emoção e seria “definitiva”. A socialização secundária seria qualquer processo subsequente que introduz um

*Autonomia e vulnerabilidades de jovens no acesso à pornografia em ambientes digitais: um debate necessário no campo da sexualidade*

indivíduo já socializado em novos setores institucionais do mundo objetivo de sua sociedade (BERGER; LUCKMANN, 2013).

A socialização secundária produziria identidades, novas regras, novos modelos de relações. É a partir das interações dos aparelhos de socialização primários em interação com os secundários (as instituições socializadoras) que se daria a crise de sentido dos saberes constituídos durante a socialização primária, com a possibilidade de construção de outros mundos, interiorizados a partir da socialização secundária para além dos que foram interiorizados, que seria, para os autores, a base da mudança social. Com base nessa breve diferenciação que trabalhamos com o pressuposto de que as redes sociais constituem outras possibilidades de socialização para os jovens com o grupo de pares. É um desafio trazer à tona a importância das redes sociais nesse processo de produção, reprodução e transformação social e das subjetividades.

Acerca do esboçado acima, interessa-nos o conceito de “socialização”, por ser ele fundamental para a questão que nos importa: do aprendizado da sexualidade na juventude, da iniciação sexual e do acesso dos jovens às redes sociais, bem como do acesso à pornografia. Vale salientar que o processo de socialização atual está cada vez mais individualizado (KAUFMANN, 2003; LAHIRE, 2003, 2004, 2006; SINGLY, 2000). Para Singly (2000), o processo de socialização varia entre uma tendência à dissolução individual e a integração no grupo social. A multiplicidade hoje de pertencimentos abre a possibilidade de o indivíduo afastar-se cada vez mais da família, das demais instituições socializadoras, indo muito além da posição de origem e pertencimento, permitindo aos indivíduos tornarem-se mais autônomos, ao mesmo tempo em que pertencem aos grupos e se distinguem dos outros.

É importante compreender não apenas as particularidades dos processos de socialização na juventude, mas especialmente a socialização secundária e as formas de sociabilidade que os jovens estabelecem com e nas redes sociais, mais particularmente aquilo que tange o âmbito da sexualidade. Isso devido ao caráter processual e fluido da socialização e, portanto, da sociedade (GRIGOROWITSCHS, 2008).

A sexualidade, como qualquer atividade humana, é aprendida (BOZON, 2004; HEILBORN et al., 2006). A “educação sexual”, ou seja, o aprendizado da sexualidade, das normas e valores associados à sexualidade, ocorre desde o nascimento e se dá inicialmente

no território familiar, da intimidade, quando são transferidas, consciente e inconscientemente, as primeiras noções e valores associados à sexualidade, ainda que isso nem sempre seja feito, de forma explícita, pelas famílias.

Embora a família seja o contexto predominante da socialização sexual, quando os jovens começam suas relações afetivo-sexuais, ela não é o único lócus de socialização. Com a ampliação do acesso de jovens aos ambientes digitais, cada vez mais precocemente, envolvendo novas formas de sociabilidade e interações, o ciberespaço é mais um importante elemento (PELOZATO, 2022) a ser considerado nos processos de socialização.

O acesso dos jovens ao universo virtual representa uma forma de interiorização de outros universos institucionais, visto que ele é um revelador de novas relações sociais, de novas narrativas sobre o sexo, congregando signos da cultura que transformam a visão de mundo e o cotidiano de jovens, a despeito do valor e do peso das antigas instituições socializadoras, como a família, a escola e a religião. Assim, a socialização primária demarca a percepção de que “o mundo é assim” e se completa quando surge a questão existencial dos jovens de “por que o mundo é assim”, a qual permanecerá ao longo de um processo permanente da trajetória de vida de todos nós, visto que a socialização nunca é total e jamais será acabada (GRIGORWITSCHS, 2008).

No que diz respeito, portanto, à forma como jovens se relacionam com as normas da cultura, um ponto fundamental é o que trata da socialização secundária dos jovens e das sociabilidades nos ambientes digitais. Quando se fala em socialização da juventude, há uma tendência em atribuir aos jovens um papel “passivo” na assimilação de normas e valores, com o qual o autor discorda (PAIS, 1990). Ele assinala que o sistema existente de relações e valores sociais também está sujeito à influência dos comportamentos e atitudes juvenis.

É com base na integração nesse sistema que o autor considera a ideia de socialização em dois sentidos. No primeiro, o conceito de socialização é empregado para analisar como os ordenamentos sociais são possíveis pela transmissão de normas em um nível coletivo, macrossocial. No segundo, o conceito de socialização é usado em um nível microsociológico, visando a entender como os indivíduos, cotidianamente, reproduzem, modificam ou criam normas. Retomando a questão da juventude, o autor se pergunta se um dos aspectos da entrada na sexualidade e da vida adulta se liga, e como, aos processos de socialização.

### **Sexualidade, sociabilidade e iniciação afetivo-sexual nos ambientes digitais**

As sociabilidades contemporâneas mediadas pela internet têm sido transformadas a partir da virtualização das relações, produzindo importantes repercussões na vida de jovens, muitas delas ainda desconhecidas ou pouco exploradas nas pesquisas. Os jovens entendem que a tecnologia ajuda tudo em suas vidas, inclusive no campo da sexualidade (RAMOS, 2022). Em razão do desconhecimento dos impactos e desdobramentos que o acesso a imagens e conteúdos ligados à sexualidade, incluindo a pornografia, nos ambientes digitais pode trazer para a sexualidade e os relacionamentos entre os jovens, produz-se grande inquietação do Poder Público, preocupado em regular esse acesso, como também da sociedade, das famílias e das demais instituições socializadoras, que juntamente temem por seus possíveis “efeitos”.

Ramos (2022), em sua pesquisa, ao perguntar a adolescentes sobre o início de sua vida sexual, não constata clara menção de experiências em ambientes digitais. A única exceção está nos relatos de alguns entrevistados do sexo masculino que declararam ter pesquisado vídeos eróticos ou pornográficos na internet, apenas e principalmente no início da adolescência. Entretanto, pesquisas evidenciam que, quando perguntados especificamente se os ambientes digitais são parte da sexualidade e da vida sexual, todos os adolescentes concordam que eles desempenham um papel muito importante. Da codificação feita da referida pesquisa sobre iniciação sexual entre adolescentes em Montevideu, surgiram três categorias que se referem ao papel que os ambientes digitais têm em relação a três distintas dimensões da sexualidade: a) na formação de vínculos sexuais; b) nas práticas sexuais; e c) na própria iniciação sexual (RAMOS, 2022). Isso poderia ser interpretado como um sinal de que está havendo experimentação e aprendizado da sexualidade (BOZON, 1999, 2004; HEILBORN et al., 2006) nos ambientes virtuais.

A socialização que o exercício da sexualidade demanda está intimamente articulada ao modo como as relações de gênero estão organizadas em determinado contexto, num processo em que intervêm representações sociais profunda e inconscientemente entranhadas nas práticas sociais, particularmente presentes no que se denomina roteiros sexuais (BOZON, 2004; HEILBORN et al., 2006).

Para Gagnon e Simon (2017), não há como falar de comportamentos sexuais padrão sem se compreenderem os contextos nos quais eles são produzidos. Os roteiros sexuais dão sentidos às experiências sexuais das pessoas e são aprendidos, ao longo da vida, nas



diferentes etapas, e dependem dos processos de socialização. É importante pontuar que o autor considera a ideia de construção social do desejo e que sexualidade tem um sentido particular para determinados grupos de pessoas. Como bem sintetiza Oltramari (2007), há, dentro de um universo social, formas preditivas de comportamento a partir de situações específicas. Laumann et al. (1994) consideram três níveis que compõem os roteiros sexuais: os intrapsíquicos, os interpessoais e os cenários culturais.

Nos estudos sobre iniciação sexual de jovens, os roteiros sexuais são um importante conceito para compreender como se dá e como se transforma a iniciação sexual entre pares. A socialização sexual que se manifesta nas trajetórias biográficas dos jovens integraria um processo que se constrói ao longo e a partir da iniciação sexual. As expressões e manifestações relativas à sexualidade correspondem a distintos significados, que vão ao encontro de valores vigentes em cada grupo social. Entre as dimensões que contribuem para “modelar” a experiência da sexualidade, Bozon (2004) destaca as trajetórias biográficas, a religião, as condições sociais de vida, as redes de sociabilidade, os padrões de relações entre os sexos, a orientação sexual, os usos dos corpos e a posição no espaço social. Nesse sentido, nenhum indivíduo passa pelo mesmo processo de socialização, porque são todos diferenciados.

A noção de sexualidade que vai ao encontro à dos autores supracitados é marcada pela ideia de construção social, socialização e aprendizado social da sexualidade. A sexualidade é vista como parte de um longo processo de aprendizado, sendo ela mesma socialmente construída. Essa perspectiva compreende que os indivíduos são socializados para a entrada na vida sexual por meio da cultura, que orienta roteiros sexuais, na acepção de Ganon e Simon (2017), bem como os comportamentos considerados “aceitáveis” ou “não aceitáveis”.

Por exemplo, o lícito e o ilícito, segundo Bozon (2004), estão presentes em todas as construções culturais da sexualidade. A prática lícita se distingue de uma prática ilícita ou transgressiva, cujas definições variam segundo os contextos culturais. Entretanto, Bozon observou haver uma constante na qual os limites entre o lícito e ilícito não coincidem para homens e mulheres. Por exemplo, ele afirma que, na América Latina, o adultério sempre foi visto com um olhar mais severo em relação às mulheres. Nessa direção, na atualidade, podemos supor que os processos de socialização que incluem o acesso à pornografia, tudo o

## *Autonomia e vulnerabilidades de jovens no acesso à pornografia em ambientes digitais: um debate necessário no campo da sexualidade*

que ocorre no cibersexo, o *sexting*, o *grooming* e mesmo o *ciberbullying*, penalizam muito mais as condutas das mulheres.

Para avançar na produção do conhecimento sobre o acesso e uso da pornografia, sobre os ambientes digitais e as mudanças na sexualidade que se deslocam da forma presencial para a virtual e vice-versa, é importante aprofundar a reflexão sobre sexualidade, gênero, iniciação sexual, considerando que os ambientes digitais são importantes espaços de socialização sexual e sociabilidade de jovens, de aprendizado da sexualidade, de oportunidade e desenvolvimento de encontros amorosos, relações sexuais e afetivas das novas gerações (LÓPEZ, 2021; RAMOS, 2022).

Nessa direção, presume-se que a iniciação sexual está sendo afetada em razão dos ambientes digitais, que ocupam cada vez mais um lugar central na experimentação da sexualidade dos jovens, sobretudo ao considerarmos a iniciação em um sentido mais amplo, de início da vida sexual e da aquisição de conhecimentos e informações, e não apenas como o momento de ocorrência da primeira relação sexual penetrativa (HEILBORN et al., 2006; RAMOS, 2022). Nesse sentido, a iniciação sexual, pode-se dizer, é um processo que leva anos, que envolve alguns eventos e, principalmente, é um processo de socialização em que ocorre a experimentação e o aprendizado da sexualidade.

### **A pornografia como questão**

O acesso à pornografia é uma das possibilidades existentes, disponibilizadas na internet, para que os jovens possam saber mais e aprender sobre o que lhes ocorre em relação à sexualidade, quase sempre, de modo clandestino, longe do olhar dos pais ou responsáveis, e mesmo longe dos próprios pares. Enquanto o adulto de outras gerações é confrontado com essa possibilidade de acesso e uso da pornografia quando já adquiriu experiência e autonomia, os jovens podem se tornar vulneráveis ou se colocar em risco.

Embora as pesquisas empíricas sobre o uso da pornografia por jovens tenham proliferado nos últimos anos, as revisões e inquéritos chegaram a conclusões opostas sobre a questão de saber se a pornografia está vinculada com as atitudes, os comportamentos e as práticas sexuais dos jovens. Também não há, por enquanto, resultados claros sobre tais eventuais associações. Sabe-se que jovens usam a pornografia, mas as taxas de prevalência encontradas nos inquéritos e nas revisões disponíveis diferem muito entre si, em razão de

diversas questões técnicas, tais como as de natureza teórica e metodológica. De modo geral, os autores dizem que mal compreendemos o que o uso da pornografia significa para os jovens, respectivamente no contexto de mudanças na sociabilidade e das transformações cognitivas, emocionais e sociais que estão se dando durante a adolescência (PETER; VALKENBURG, 2011).

A “curiosidade sexual” é um dos fatores que levam os jovens a buscarem a pornografia, mas não se resume a ela. López (2021), ao investigar o tipo de atividades sexuais realizadas por adolescentes de Montevidéu na internet e quais os significados que lhes atribuem, encontrou que 66% dos(as) adolescentes entrevistados(as) declararam ter visto pornografia no último ano. O consumo entre os rapazes foi quase o triplo das meninas, correspondendo a roteiros sexuais mais tradicionais de gênero. A idade média de início do acesso à pornografia foi de 13 anos, mas 14% viram pornografia com 10 anos ou menos, idades que também correspondem ao estudo de Castañeda e Martínez (2022) com adolescentes equatorianos, e de Ballester et al. (2019) com adolescentes espanhóis. López (2021) assinala que, como o acesso aos *smartphones* pelos adolescentes tem se dado cada vez mais cedo, é de se esperar que a idade de início do acesso à pornografia também sofra uma baixa.

Além da curiosidade, Ballester et al. (2019) enumeram algumas razões para o consumo de pornografia nessa idade. Uma primeira é a acessibilidade rápida, livre e aberta da pornografia, inclusive não havendo censura para menores. Há sites que não pedem confirmação para entrar ou, ainda que a peçam, burlar a idade não é tão difícil. Outra razão é que a pornografia é encontrada involuntariamente por meio de propagandas, atraindo, assim, sua atenção. Mesmo que possamos questionar acerca de sua qualidade, a pornografia fornece respostas sobre diferentes experiências sexuais, possibilitando ao jovem compreender uma parte de sua sexualidade, ou seja, a pornografia acaba contribuindo no aprendizado sexual.

Embora o acesso à pornografia por crianças e jovens tenha sido uma preocupação das sociedades ao longo da história, com a expansão das TIC, essa preocupação foi reemitida e assumiu novas formas, procurando alinhar os mecanismos de proteção com as novas formas de distribuição desses materiais.

Em 2016, Peter e Valkenburg publicaram uma revisão de 20 anos de estudos sobre o tema da pornografia. Realizaram uma revisão sistemática de 75 estudos (66 quantitativos e 9

*Autonomia e vulnerabilidades de jovens no acesso à pornografia em ambientes digitais: um debate necessário no campo da sexualidade*

qualitativos) publicados em inglês, entre 1995 e 2015. Um dos critérios de inclusão explícita foi que os estudos englobassem crianças com mais de 10 e menos de 18 anos de idade como população. Nesse trabalho, apesar de se advertir que os vieses do estudo impediram a geração de conclusões causais internamente válidas, observou-se que o consumo desse material parecia estar relacionado com uma iniciação sexual mais precoce, mais relações casuais e crenças sexuais estereotipadas de gênero mais fortes. Essa crescente produção pode ser explicada pelo aumento do acesso à pornografia permitido pela internet, que, por um lado, impulsionou a produção da indústria e, por outro, eliminou gradualmente as barreiras de acesso para crianças e jovens. Lessig (2006) descreve como a pornografia, no espaço presencial, é proibida para crianças, o que se materializa por meio de três mecanismos complementares: a lei, que veta sua venda e distribuição a crianças e jovens; normas sociais, que geram uma espécie de “sanção moral” contra os adultos que vendem ou fornecem pornografia a crianças; e o mercado, que mantém a pornografia fora do alcance, devido aos custos envolvidos em sua aquisição e à falta de atratividade do mercado infantil e adolescente como consumidor. Peter e Valkenburg (2016) assinalam que a regulamentação da pornografia não precisa ser perfeita para ter eficácia, mas ela tem que tornar a pornografia indisponível às crianças de forma geral.

Do mesmo modo, Ruiz (2017) retoma essa lista de barreiras criadas no mundo presencial para preservar da pornografia crianças e jovens, e incorpora um quarto mecanismo: a arquitetura. Tal como Lessig descreve para os Estados Unidos, os países do Mercosul têm legislação semelhante e regulamentos que restringem o acesso físico à pornografia: estabelecem as formas de exibição e promoção da pornografia em espaços públicos, mantendo-a afastada de crianças e jovens. Cinemas específicos não podem ser visitados até determinada idade, revistas e vídeos não podem ser exibidos em bancas de venda, nem podem ser exibidos para todos os públicos em locais de aluguel.

No mesmo trabalho, Ruiz (2017) reflete sobre como a pornografia *on-line* conseguiu quebrar as quatro barreiras de proteção para aqueles que ainda não são adultos: a própria procura de material pornográfico na internet por parte da criança obscurece a figura do fornecedor e, por conseguinte, a proibição de distribuir esse material; esse esvanecimento reduz também a eficácia da sanção social; a enorme quantidade de material pornográfico gratuito e categorizado na internet quebra a barreira imposta pelo próprio mercado; e,

finalmente, a possibilidade de aceder a esse material a partir de qualquer computador ou celular com conexão elimina a barreira eletrônica. Em outras palavras, embora houvesse um acordo social, partilhado pela maioria dos países, sobre a inconveniência do consumo de pornografia por crianças e jovens, as barreiras construídas para protegê-los desse material foram completamente derrubadas pela internet.

### **Entre o pânico moral, as vulnerabilidades e violências: tensões do acesso à pornografia por jovens nos ambientes digitais**

Os jovens são mais familiarizados com as tecnologias digitais que os adultos, o que também promove um menor controle direto dos adultos sobre a vida dos jovens (STENGEL et al., 2022). Temos, assim, uma possibilidade de acesso e compartilhamento de pornografia fora do controle dos adultos, pois, muitas vezes, eles sequer sabem o que os jovens acessam na internet. Esse desconhecimento (ou a menor familiaridade) dos adultos com as tecnologias, associado ao fim de seu controle direto sobre a vida dos jovens, em especial à perda de influência das instituições que regulam a sexualidade, promove ansiedade em relação à sexualidade juvenil, originando muitos medos e fantasias (BOZON, 2012).

O desenvolvimento do *smartphone* promoveu mudanças significativas no acesso à internet, visto que ele possibilita estar conectado a qualquer tempo e em qualquer espaço. Ele se tornou um mediador privilegiado para uma série de atividades de comunicação, entretenimento e produção, o que se estende à visualização da pornografia. Além disso, ele geralmente é de uso individualizado, o que promove a privacidade de quem o utiliza, favorecendo o acesso a ferramentas virtuais de que, muitas vezes, o usuário não quer que outras pessoas tomem conhecimento. O que antes era uma prática coletiva se tornou uma prática íntima e privada através da internet.

Stengel et al. (2020), em pesquisa com pais sobre o uso que seus filhos fazem das TIC, encontraram que ver *sites* inadequados para sua idade (69,5%) é uma das maiores preocupações. Todavia, o tipo de mediação que realizam tem se dado de forma diversa, tendo em vista a idade dos filhos, as habilidades e necessidades de pais e filhos. Uma mediação restritiva aparece quando os filhos são menores, já com os mais velhos, os pais se retiram quase que completamente da cena tecnológica, deixando-os livres e responsáveis por seus

*Autonomia e vulnerabilidades de jovens no acesso à pornografia em ambientes digitais: um debate necessário no campo da sexualidade*

comportamentos, por apostarem nas conversas e orientações dadas nas fases anteriores, e na maturidade dos filhos para discernir o que é certo e errado.

Esse cenário nos leva a pensar que, apesar da preocupação dos pais, os filhos têm liberdade para acessar os sites que quiserem, incluindo os relacionados à pornografia. Reportagens na mídia têm chamado a atenção para o uso (e abuso?) da pornografia *on-line* por jovens, apontando para uma preocupação que se tem feito presente. Por exemplo, tem-se assinalado o quanto o acesso a sites de pornografia tem substituído o trabalho (ou a falta dele) de educação em gênero e sexualidade. A produção de estereótipos e de modelos relacionais violentos, sobretudo contra meninas, tem sido apontada como uma das consequências dessa substituição.

Na literatura examinada até o presente, não há consenso sobre os efeitos do uso da pornografia, todavia Dwulit e Rzymiski (2019) afirmam que o consumo da pornografia em idade precoce, especialmente na puberdade e pré-puberdade, quando está ocorrendo o desenvolvimento sexual, é potencialmente perigoso. Santos et al. (2021, p. 5) também apontam que pesquisadores reforçam o caráter negativo da pornografia para os jovens, por propagarem “comportamentos violentos, idealizações ou vícios sexuais que confundem os relacionamentos amorosos dos adolescentes”. Em sua pesquisa acerca das representações sociais de jovens sobre sexualidade na internet, encontraram o termo pornografia como o mais prevalente entre os jovens, seguido de *sexting* e violência, que incluiu a pornografia de vingança. Os autores concluem que a representação da sexualidade ligada ao mundo virtual para os jovens parece ancorar em um “modelo de sexualidade do perigo” (SANTOS et al., 2021, p. 8).

Ao discutir os efeitos da pornografia entre jovens, Capler (2021) menciona que esta geração jovem tem tido uma vida sexual menos ativa em razão do acesso irrestrito à pornografia. As análises de uma pesquisa sul-coreana (WRIGHT; MIEZAN; SUN, 2019) mostraram que o consumo ocasional, entre homens adultos, da pornografia foi associado à maior satisfação sexual, enquanto o consumo frequente e excessivo foi relacionado à grande insatisfação e diminuição do desejo sexual.

Nos achados de Capler (2021), as meninas brasileiras que consumiam pornografia relataram um número maior de experiências sexuais em comparação com seus pares, indicando que “vivem um estilo de vida altamente arriscado” e evidenciando um “forte

processo de sexualização e erotização” pelo qual os jovens estão passando (CAPLER, 2021, p. 69-70).

Em um estudo longitudinal para identificar preditores para o consumo contínuo de pornografia e investigar o consumo de pornografia em relação aos sintomas psicossomáticos e depressivos entre um grupo de jovens na Suécia, Mattebo et al. (2018) concluíram que o consumo de pornografia pode, para alguns indivíduos, estar associado a problemas de saúde mental, mas que a discussão sobre pornografia precisa ser individualizada.

Em trabalho que também exprime sentido negativo do acesso à internet e à pornografia e sobre mudanças nas relações interpessoais de jovens e a pornografia *on-line*, Ballester, Orte e Gordaliza (2019) discutem a prevalência de distintos fenômenos associados, como atividades violentas de diversos tipos (física, verbal, emocional, sexual) e práticas de risco. Do lado negativo, a exposição à pornografia pode levar a expectativas irrealistas sobre sexo e imagem corporal e promover uma dessensibilização ao conteúdo sexual, resultando na necessidade de conteúdo mais extremo e potencialmente prejudicial. Também pode contribuir para a objetificação das mulheres e perpetuar estereótipos de gênero nocivos. Do lado positivo, alguns estudos descobriram que a exposição à pornografia pode aumentar o conhecimento sexual, promover uma atitude mais liberal em relação à sexualidade e facilitar a comunicação com os parceiros sobre preferências e desejos sexuais, além de fornecer uma saída para exploração e experimentação sexual (BALLESTER; ORTE; GORDALIZA, 2019).

Essas posições diante da pornografia levaram Bozon (2012) a refletir que a cautela que os adultos sempre tiveram com os comportamentos juvenis deu lugar a uma preocupação crescente, visto que os jovens estão cada vez mais fora de controle direto e parecem forjar seus próprios princípios. A banalização de um período de juventude sexual, associada à falta de uma estrutura de controle rígido, tem mergulhado alguns adultos em uma verdadeira ansiedade moral. Um resultado dessa situação é a obsessão que têm com os efeitos da pornografia.

Bozon (2012) esclarece que a emergência de um período autônomo de sexualidade juvenil e de uma preocupação adulta com ele é uma das principais características da juventude sexual nos tempos contemporâneos. Ele esclarece que a socialização, que costumava basear-se no “estreito e tranquilizador” canal de transmissão através das instituições socializadoras, viu-se em franca transformação. Trata-se de uma mudança de socialização “vertical”,

*Autonomia e vulnerabilidades de jovens no acesso à pornografia em ambientes digitais: um debate necessário no campo da sexualidade*

mediante instituições socializadoras, da inculcação de regras, da autoridade dos adultos ou da disciplina exigida pelas associações religiosas de jovens. Observa-se uma gradual mudança para jovens em direção a uma socialização “horizontal” e difusa, na qual a autoconstrução é conseguida por meio dos pares, meios de comunicação e pelas próprias referências culturais geracionais, pelas experiências pessoais, recomendações e campanhas públicas, interpretadas pelos próprios indivíduos.

Ele afirma que, nas últimas décadas, muitas mudanças ocorreram relativas à sexualidade, especialmente em relação à de jovens. Passamos de uma sexualidade bastante repressora e controlada pelos adultos para uma mais livre, decidida junto aos pares e mais individualmente. As distinções de gênero ainda se mantêm em nossa sociedade brasileira, mas com menos diferença entre meninos e meninas, especialmente no que tange à virgindade feminina.

Bozon (2012), entretanto, alerta para um paradoxo: o surgimento da autonomia sexual privada na juventude, ou seja, baseada em controles internalizados e não em disciplinas externas, anda de mãos dadas com uma explosão de preocupações dos adultos. O autor nomeia alarmismo sexual essa explosão, que beira o pânico moral sobre a juventude, uma das consequências do fim do controle direto dos adultos.

Em termos de mudanças na sexualidade dos jovens, é difícil fazer generalizações amplas. No entanto, alguns pesquisadores sugerem que a maior disponibilidade de pornografia pode estar contribuindo para uma abordagem mais permissiva e diversificada da sexualidade, com os jovens mais propensos a se envolver em relacionamentos consensuais não monogâmicos e a ter atitudes mais abertas em relação à sexualidade.

No geral, é importante reconhecer que a pornografia é apenas uma das muitas influências na sexualidade do jovem e que os efeitos da exposição dependerão de uma série de fatores individuais e contextuais. É crucial que os jovens recebam educação sexual abrangente e sejam encorajados a ter relacionamentos saudáveis e respeitosos, tanto *on-line* quanto *off-line*.

Por fim, Bozon (2012) aponta que os efeitos do alarmismo sobre a sexualidade dos jovens parecem ser mais indiretos, funcionando como um lembrete da ordem de gênero. As mulheres devem continuar como o agente socializador, guardiãs privilegiadas da moralidade sexual, com um exercício sexual mais moderado e inserido na lógica amorosa, inscrevendo os



homens em uma perspectiva mais “positiva” de sua sexualidade, ou seja, incluindo-os em práticas voltadas à conjugalidade, procriação (estas duas no seu tempo devido) e heterossexualidade. Isso se deve a profundas mudanças ocorridas desde a segunda metade do século XX, situada em uma longa evolução histórica e em um quadro social mais geral, que afetaram conjuntamente a condição dos jovens (BOZON, 2012).

É preciso tomar cuidado com a generalização do pânico moral no interior dos estudos do acesso à pornografia; os autores dizem que ainda não temos como saber o que está acontecendo. É preciso ter cuidado com uma visão adultocêntrica sobre as mudanças e permanências em curso, considerando, ao mesmo tempo, o problema das vulnerabilidades dos jovens na iniciação sexual em razão do ciclo da vida e outros condicionantes sociais. Isso posto, defendemos uma agenda de pesquisas para pensar os processos vinculados à iniciação sexual dos jovens no contexto dos ambientes virtuais e, particularmente, o papel do acesso à pornografia.

### Referências

- BALLESTER, Lluís BRAGE, ORTE, Carmen SOCIAS, & GORDALIZA, Rosario Pozo. Nueva pornografía y cambios en las relaciones interpersonales de adolescentes y jóvenes. Cambios recientes. In: BALLESTER, Lluís BRAGE, ORTE, Carmen SOCIAS, & GORDALIZA, Rosario Pozo. *Vulnerabilidad y resistencia: Experiencias investigadoras en comercio sexual y prostitución*, 2019, p 249-284.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BOZON, Michel. Autonomie sexuelle des jeunes et panique morale des adultes. Le garçon sans frein et la fille responsable. *Presses de Sciences Po. Agora Débats/Jeunesses*. Paris, n. 60, 2012, p. 121-134.
- BOZON, Michel; GIAMI, Alain. Les scripts sexuels ou la mise em forme du désir. Présentation de l'article de John Gagnon. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*. Paris, n. 128, juin 1999, p. 68-72.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CAPLER, Rodolfo. *Geração Selfie: conheça a geração digital e seus principais comportamentos*. São Paulo: Editora Quitanda, 2021.
- CASTAÑEDA, Melany Sofia López; MARTÍNEZ, Diana Carolina Morales. *El consumo de pornografía y su incidencia en la conducta de sexting en adolescentes de 10mo año de EGB a 3ro de Bachillerato de la Unidad Educativa “Liceo Libanés”, de la ciudad de Guayaquil, en el año*

*Autonomia e vulnerabilidades de jovens no acesso à pornografia em ambientes digitais: um debate necessário no campo da sexualidade*

lectivo 2021-2022. 2022. (Licenciatura en Ciencias de la Educación) - Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias de la Educación, Universidad Central del Ecuador, Quito, 2022.

DWULIT, Aleksandra Diana; RZYMSKI, Piotr. The Potential Association of Pornography Use with Sexual Dysfunctions: An Integrative Literature Review of Observation Studies. *Journal of Clinical Medicine*, n. 8, p. 1-15, 2019.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FLACH, Roberta; DESLANDES, Suely. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, 2017, e00138516.

FLACH, Roberta; DESLANDES, Suely. Sociabilidade digital e o abuso nos relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos. In: BRASIL, Christina; CATRIB, Ana Maria; CALDAS, José Manuel (Orgs.). *Tendências e tecnologias na promoção da saúde nos espaços educacionais*. Fortaleza: EdUECE, 2019. p. 37-56.

GAGNON, John; SIMON, Willian. *Sexual conduct: the social sources of human sexuality*. 2. ed. Abingdon: Routledge, 2017.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. O conceito de “socialização” caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Gerge Simmel e George H. Mead. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 29, n. 102, jan.-abr. 2008, p. 33-54.

HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2006.

KAUFMANN, Jean-Claude. *Ego: para uma sociologia do indivíduo*. Tradução de Ana Rabaça. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2003.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAHIRE, Bernard. From the habitus to an individual heritage of dispositions: towards a sociology at the level of the individual. *Poetics*, Amsterdam, v. 31, n. 5-6, 2003.

LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*. Lisboa, n. 49, p. 11-42, 2005.

LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAUMANN, Edward O. et al. *The social organization of sexuality: sexual practices in the United States*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

LESSIG, L. *The Code version 2.0*, Cambridge: Basic Books, 2006.

LÓPEZ, Pablo Gómez. La sexualidad de los adolescentes y los entornos digitales. In: LIMA, Nádia Laguárdia de; STENGEL, Márcia; NOBRE, Márcio Rimet; DIAS, Vanina Costa. (Org.). *Saber e criação na cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021. p. 131-147.

MATTEBO Magdalena; TYDÉN, Tanja; HÄGGSTRÖM-NORDIN, Elisabet; NILSSON, Kent W.; LARSSON, Margareta. Pornography consumption, sexual experiences, lifestyles, and self-rated health among male adolescents in Sweden. *Journal Dev Behav Pediatr*. Sep, v. 34, n. 7, p. 460-8, 2013.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Coleção Debates, 5).

OLTAMARI, Leandro Castro. A construção social do desejo para as Ciências Sociais. Resenha da obra *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 15, n. 2, maio-ago., p. 491-510, 2007.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*. Lisboa, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990.

PETER, Jochen; VALKENBURG, Patti M. The influence of sexually explicit Internet material on sexual risk behavior: a comparison of 19dolescentes and adults. *Journal of Health Communication*. New York, v. 16, n. 7, p. 750-765, 2011.

PETER, Jochen; VALKENBURG, Patti M. Adolescents and Pornography: A Review of 20 Years of Research, *The Journal of Sex Research*, v. 53, n. 4-5, p. 509-531, 2016.

PEZZOLATO, Jaqueline. Ciberespaco e a cultura contemporânea: caminhos e sugestões para a história pública. *Revista Ilustração*. Cruz Alta, v. 3, n. 1, p. 51-69, 2022.

RAMOS, Valeria. *Vida e iniciación sexual en adolescentes de Montevideo: experiencias, discursos y significados*. 2022. Tesis (Doctorado em Psicología) - Facultad de Psicología, Universidad de la República, Montevideo, 2022.

RUIZ, S. *Abuso y explotación sexual infantil vinculada a las TIC: perspectivas desde el MERCOSUR*. OAB/RJ online. Edição Especial Temática DCA, 2016.

SANTOS, Gabriela Silva; QUEIROZ, Ana Beatriz Azevedo; TURA, Luiz Fernando Rangel; PENNA Lúcia Helena Garcia; PARMEJANI, Elen Petean; PINTO, Carina Bulcão. Social representations of adolescents about sexuality on the internet. *Rev Esc Enferm*. USP, n. 55, 2021.

SINGLY, François de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers; SINGLY, François de; CICCHELLI, Vincenzo (Orgs.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 13-19.

STENGEL, Márcia; DOURADO, Simone P. C.; PAULA, Liliam P. P.; DIAS, Vanina C.; SOARES, Samara S. D.; CARVALHO, Fernanda P.; AGUIAR, Phamela A. S.; SILVA, Daniela S.; ALMEIDA, João Gabriel B. Gerações e mudanças nos padrões de mediação dos processos educacionais

*Autonomia e vulnerabilidades de jovens no acesso à pornografia em ambientes digitais: um debate necessário no campo da sexualidade*

e dos cuidados no contexto da pandemia de COVID-19. In: MACEDO, Rosa Maria Stefanini; KUBLIKOWSKI, Ida. (Org.). *Família e comunidade: interfaces da psicologia clínica*. Curitiba: CRV, 2022. p. 57-78.

STENGEL, Márcia; SOARES, Samara Sousa Diniz; DIAS, Vanina Costa; FRAGA, Jéssica Butchers Lima Ferraz. Cultura digital e mediação parental: um desafio na relação entre pais e filhos. In: MACEDO, Rosa Maria Stefanini; KUBLIKOWSKI, Ida. (Org.). *Família e comunidade: pesquisas e intervenções em temas emergentes*. Curitiba: CRV, 2020. p. 165-184.

WRIGHT, Paul J.; MIEZAN, Ekra; SUN, Chying. Pornography consumption and sexual satisfaction in a Korean sample. *Journal of Media Psychology: Theories, Methods, and Applications*, v. 31, n. 3, 2019, p. 164–169.

## **Sobre os autores**

### **Márcia Stengel**

Pós-doutora em Educação (UFMG), doutora em Ciências Sociais (UERJ), mestra em Psicologia Social e graduação em Psicologia (UFMG), professora na Faculdade de Psicologia e no Programa de Pós-graduação de Psicologia da PUC Minas. Membro da Rede Jubra. Pesquisadora CNPq. E-mail: marciastengel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9211-9433>.

### **Simone Ouvinha Peres**

Doutora em Medicina Social no Programa em Gênero e Sexualidade (IMS-UERJ), mestra em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (IP-UFRJ), graduada em Psicologia e Educação (UnB), sanitarista (ENSP-Fiocruz), professora no Departamento de Psicologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro da Rede Jubra. E-mail: simoneoperes@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7352-8664>

### **Pablo López Gómez**

Doutor em Educação (UNER, Argentina), licenciado em Educação (UTEM, Chile), educador social (Cenfores, Uruguay), professor adjunto, efetivo, em regime de dedicação total da UdelaR, na Faculdade de Psicologia, coordenador do Programa Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva. Membro do Sistema Nacional de Investigadores, suas linhas de investigação referem-se à adolescência, gênero, sexualidade e educação sexual, com ênfase na interseção desses campos com a cultura digital. E-mail: plopez@psico.edu.uy. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7148-7694>

Recebido em: 16/03/2023

Aceito para publicação em: 10/04/2023